



A ÉTICA PROFISSIONAL DO FILÓSOFO CLÍNICO

Prof. Ms. Márcio José Andrade da Silva¹

Ao Joel Marinho de Mattos Filho

Resumo

Entendermos por ética a conduta humana, melhor falando, a conduta de um homem perante outro homem em um convívio social. A ética profissional pode ser compreendida, portanto, como uma especificidade desta ética. Desta forma, apresentamos alguns entendimentos sobre o que é a ética, alguns de seus principais estudiosos e suas teorias; em seguida como se origina a chamada ética profissional, qual sua finalidade e fundamentos teóricos; posteriormente, a necessidade, ou não, de uma ética profissional do filósofo clínico, porque a necessidade de um código de conduta profissional, buscando questionar, baseado em uma análise do Estatuto e do Código de Ética do filósofo clínico e do especialista em filosofia clínica, se são necessários estes instrumentos, não só para a nossa profissão, enquanto terapeutas, mas também enquanto filósofos clínicos em relação com colegas.

Palavras-chaves: Ética, Filosofia Clínica, Ética Profissional

¹ IMFIC – Instituto Mineiro de Filosofia Clínica, Instituto de Filosofia Clínica de Campinas e Região. E-mail: marciojosefc@gmail.com



1. Considerações iniciais

Quanto mais aprendemos aquilo de que nada sabemos, mais ganhamos em sabedoria. Por intermédio da ciência, temos, portanto, olhos com os quais cabe a nós prestar atenção
(Hildegard de Bingen)

Vivemos em uma época que a ética é muito propalada, exigida do outrem, no entanto pouco praticada. Talvez o desconhecimento do que seja tenha, de certa forma, esvaziado o conceito. Acontece que o homem vem, há tempos, buscando conceber algo para além de si, para além dos bens materiais que lhe propiciem um bem-estar existencial, algo que possa permitir uma com-vivência, um estar em sociedade, algo que seja atemporal, regras que lhe permita viver como ser social, não apenas o indivíduo, mas uma coletividade.

Krishnamurti (1895-1986), em *Liberte-se do passado* (1969) retrata essa busca humana pelo conhecer-se; para compreender qual a finalidade de tudo isso que está diante de si: guerras, disputas ideológicas, brutalidades, as intermináveis divisões religiosas, ideológicas; questões essas, entre tantas, que leva a humanidade a querer entender o que, afinal de contas, é viver em comunidade.

Num primeiro momento, nos fala o filósofo indiano, a humanidade irá se agarrar a uma fé, que lhe imporá regras de convivências através de livros denominados “sagrados”, mas que, com o passar dos tempos, impreterivelmente irá gerar a violência entre si.

Krishnamurti pontua um caminho que o homem percorre para atingir uma convivência pacífica, e este caminho é um *código de conduta*, que trará características do seu meio, da sociedade em que se vive, das circunstâncias que a constitui.

Nessa batalha constante que chamamos “viver”, procuramos estabelecer um código de conduta, conforme à sociedade em que somos criados, quer seja uma sociedade comunista, quer uma pretensa sociedade livre; aceitamos um padrão de comportamento como parte de nossa tradição hinduísta, mulçumana, cristã ou outra. Esperamos que alguém nos diga o que é conduta justa ou injusta, pensamento correto ou incorreto e, pela observância desse padrão, nossa conduta e nosso pensar se tornam mecânicos, nossas reações, automáticas. Pode-se observar isso muito facilmente em nós mesmos. (1976: 9-10)



José Maurício de Carvalho, em sua obra *Ética*, nos traz um auxílio para um melhor entendimento da gênese da ética, ao afirmar que “*a vida humana se dá em sociedade e os homens não vivem sem regras de convivência que orientem suas relações sociais.*” (2010:11). É a partir dos primeiros agrupamentos humanos que os comportamentos sociais se constituíram, com o passar do tempo e costumes, numa protoética, em que os membros dessas comunidades passaram a viver conforme tais tradições ditavam. Seus primeiros anseios foram amparados pela religião, que determinava e conduzia a sociedade através de seus sacerdotes. Com a evolução social, as questões também foram atingindo complexidades que a religião já não conseguia responder. Carvalho nos fala que Aristóteles (384-322 a.C.), filósofo grego, irá estabelecer os estudos dos costumes, numa disciplina filosófica denominada *Ética*, conforme relata o filósofo brasileiro: “*seu material [de Aristóteles] não é uma criação dos filósofos, embora o seja as considerações racionais ou a forma de pensar os costumes*” (2010:11). Trabalho esse que será desenvolvido séculos depois com o filósofo alemão Immanuel Kant.

Para melhor conhecermos o significado da *Ética*, abordaremos sua origem grega e seu desenvolvimento no mundo ocidental, através de pensadores que se debruçaram sobre o tema e que nos apresentaram concepções e interpretações sobre o que seja a ética.

Em seguida, tentaremos explicitar o que é uma *ética profissional*, como e para que surge. Para, em sequência, compreender o que seja uma *ética profissional do filósofo clínico*. Como ela surge, quais são as normas que ditam a vida laborativa de um terapeuta da filosofia clínica.

2. O que é ética?

É possível se perguntar se existe no mundo uma ética capaz de impor obrigações idênticas, quanto a seu conteúdo, ao mesmo tempo às relações sexuais, comerciais, particulares e públicas, às relações de um homem com sua esposa, sua quitandeira, seu filho, seu concorrente, seu amigo e seu inimigo
(Max Weber)

O homem se descobriu vivendo em um planeta. De repente não é mais a pequena comunidade o seu mundo, ele se tornou mais amplo. Há mais relações estabelecidas novas



e mais complexas circunstâncias. Leonardo Boff, em sua obra *Ethos* nos fala desse despertar do homem para seu estar-no-mundo, e da necessidade do diálogo e da percepção da alteridade, dos homens se deparando como

habitantes do mesmo planeta, que agora se descobrem como espécie, interdependentes, vivendo numa mesma casa e com um destino comum. Se não criarem um acordo quanto a exigências éticas e morais mínimas, como poderão coexistir pacificamente, preservar o lar comum e garantir um futuro para todos? (*Ethos*, 27)

O estudo destas regras levou ao estabelecimento de normas de condutas. Um dos primeiros filósofos a estudar o comportamento humano, de forma filosófica, foi Aristóteles, cuja obra de referência é *Ética à Nicômaco*. Basicamente o estagirita propõe que o homem seja virtuoso, ou seja, que não vá aos extremos, aos vícios, que contêm os excessos e as carências. Aristóteles propõe a virtude moral, o meio-termo.

A virtude moral é um meio-termo, e em que sentido devemos entender esta expressão; e que é um meio-termo entre dois vícios, um dos quais envolve excesso e o outro deficiência, e isso porque a sua natureza é visar a mediana nas paixões e nos atos. (*Ética a Nicômaco*, 77)

Outro filósofo considerado basilar para o estudo da ética é Immanuel Kant. Em sua obra *Crítica da razão prática*, o filósofo alemão irá definir o homem com um ser de dupla natureza: uma é *animal e natural*, condicionada ao determinismo e outra é *racional*, que independe dos sentimentos e instintos animais, não condicionada e, portanto, livre.

Desta forma Kant, avalia ser possível uma ética universal, sendo o Imperativo Categórico a forma do dever moral se apresentar ao ser humano, pois este Imperativo expressa a Lei universal que não está condicionada a nada. Por exemplo se a pessoa agir de tal modo, então sofrerá tal sanção; se fizer isso, então a consequência será isto. Destarte há a máxima expressa pelo filósofo alemão: “*Age de tal modo que a máxima de tua vontade possa valer-te sempre como princípio de uma legislação universal*”.

É possível verificar em ambos os filósofos uma ética voltada para o eu, ou seja, em Aristóteles e Kant devo primar pelo meu modo de ser em um ambiente social. O sujeito está ensimesmado.

Emanuel Lévinas, filósofo francês de origem lituana, irá nos apresentar uma forma diferente de pensar e praticar a ética. Ele irá explicitar minha existência a partir do outro.



Da responsabilidade que o outro me chama a ser ético. Para Lévinas a ética é a filosofia primeira e não a metafísica:

No livro [Totalidade e Infinito], falo da responsabilidade como da estrutura essencial, primeira, fundamental da subjetividade. É em termos éticos que descrevo a subjetividade. A ética, aqui, não parece como suplemento de uma base existencial prévia: é na ética entendida como responsabilidade que se dá o próprio nó do subjetivo.

Entendo a responsabilidade como responsabilidade por outrem, portanto, como responsabilidade por aqui que não fui eu que fiz, ou não me diz respeito; ou que precisamente me diz respeito, é por mim abordado como rosto. (Ética e Infinito, 1980: 87)

Lévinas ressalta que esta abordagem do rosto não é algo de uma percepção pura e simples, esse enfoque, esse momento, a partir do momento em que o outro me olha, torna-me responsável por ele. Não uma responsabilidade imposta, mas sim uma responsabilidade delegada.

Desde que o outro me olha, sou por ele responsável, sem mesmo ter eu *assumir* responsabilidades a seu respeito: a sua responsabilidade *incumbe-me*. É uma responsabilidade que vai além do que faço. (1980: 88)

Questionado se o outro é também responsável por quem é por ele responsável, Lévinas responde que é possível que sim, mas isto é um assunto dele. Sou responsável pelo outrem sem esperar reciprocidade. “A recíproca é assunto dele” afirma o filósofo.

Para os filósofos clínicos, esta última proposta ética se faz mais coerente com a prática que nossa terapia fundamentada na filosofia se propõe. A partir do momento que somos levados, diante do outro, a suspender nossos juízos, com a finalidade que este outro possa vir como ele verdadeiramente é, e que possamos, desta forma, aproximarmo-nos dele o mais perto do que ele verdadeiramente seja.

No entanto, enquanto profissionais, somos levados a um “engessamento” em nosso trabalho através do *Código de ética do filósofo clínico e do especialista em filosofia clínica*; do *Estatuto do filósofo clínico e do especialista em filosofia clínica*; e outros documentos elaborados para que o filósofo clínico (e o especialista em filosofia clínica) não extrapolem em seu papel existencial de terapeuta.

Para tanto, talvez fosse necessário apenas um código de ética profissional, que norteasse o trabalho a ser realizado pelo filósofo clínico.



3. Origem da ética profissional

Não há um único de nossos atos que, ao criarem o homem que queremos ser, não crie ao mesmo tempo uma imagem do homem tal como estimamos que ele deve ser. (Jean-Paul Sartre)

Ética vem do grego “*ethos*”, e tem seu correlato no latim “*morales*”, com o significado de *conduta*, ou relativo aos *costumes*. É o estudo dos juízos de apreciação referentes à conduta humana, suscetível de qualificação do ponto de vista do bem e do mal, seja relativamente à determinada sociedade, seja de modo absoluto. É, pois, o estudo sistemático do comportamento humano na área dos valores individuais, religiosos, comportamentais, das ciências da vida e da natureza, sendo classificada como uma ciência normativa. Cada sociedade, cada grupo, cada comunidade, cada doutrina, cada profissão tem sua própria norma de conduta e, portanto, sua ética.

Darlei Dall’Agnol, em *Bioética* (2005), nos auxilia ao explicar que a ética é uma reflexão filosófica sobre a moralidade e que para uma melhor compreensão, os estudiosos a subdividem em três domínios: 1) a *metaética*, que trata das questões acerca da natureza da própria ética, como por exemplo se ela pode ser considerada ciência, se há teorias éticas; 2) a *ética normativa*, que procura determinar um padrão sobre aquilo que é de fato bom ou mau, distinguir o correto do incorreto, ou seja, através da utilização, em grande parte, dos estudos da metaética, determinar as normas de condutas; 3) a *ética prática*, que busca aplicar os resultados da ética normativa em questões morais do cotidiano, aqui se encaixando os códigos de ética profissionais. Apesar de cartesianamente dividida, podemos afirmar que a *Ética*, se mostra como um processo dialético. A *metaética* elabora questões, pensa a respeito de fundamentações da ética, fornecendo material para que a *ética normativa* possa existir e desta forma subsidiar a *ética prática*, que por sua vez levanta novos questionamentos a serem analisados pela metaética.

3.1 A ética protestante, base da ética profissional

Max Weber (1864-1920), através d’ *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, irá fazer uma análise entre certas formas de condutas econômicas e sua fundamentação religiosa. Distinguindo, principalmente a prática cristã daquela época como algo bem diferente do que prescreve a Bíblia. Influenciada pelo poder político da Igreja Católica, a moral, a religião e a ética se confundiam. Weber, destaca, para



exemplificar, o termo *trabalho*. Enquanto para os cristãos é uma punição, pois será através do suor do rosto que o cristão ganhará o pão, devido a um pecado original; para o protestante o trabalho passa a ser a forma de salvação, visto ser uma promoção da comunidade, proporcionando o bem comum e a felicidade coletiva.

Outro fruto da reforma protestante é o cumprimento do dever nas profissões, trabalhando da forma mais próxima da perfeição, assim demonstrando que seu trabalho é voltado para o próprio Deus e não para seu usufruto. Valores como disciplina ascética, ou seja, um esforço metódico e continuado; a contenção, uma austeridade e dever incorporados ao mundo do trabalho, e, desta forma, relacionando os conceitos de uma competência laborativa à uma ética profissional, no nascente mundo capitalista.

Weber, descreve a concepção de vários autores protestantes, cujas abordagens versam sobre a questão do trabalho. Destaca a visão da profissão para além da utilidade individual, mas também como a expressão social e moral desta em uma comunidade. A profissão fornece, desta forma, um status social. É através do exercício de nossa profissão que iremos demonstrar para os outros nossa habilidade, capacidade e sabedoria. Isso veio a influenciar na cultura moderna ocidental a ideia do mérito. Se a pessoa, através de suas ações, privilegia os interesses coletivos em detrimento de seus interesses privados. Assim agindo ela se supervaloriza, se torna competente. E esta competência profissional é um valor basilar da ética profissional na civilização ocidental.

Podemos então concluir que ter uma ética profissional é cumprir as atividades de sua profissão seguindo os preceitos ditados pela sociedade e seu grupo de iguais. Apesar de cada profissão, em sua maioria, possuir seu próprio código de ética, que variam conforme a especificidade de cada profissão, há elementos que são universais, como honestidade, reponsabilidade e competência.

Mas como saber se minha ação laborativa está dentro dos ditames éticos que minha profissão exige? Para isso existem os Códigos de Ética, que é o conjunto de normas éticas a serem seguidas pelos profissionais quando no exercício de sua lida. Os Códigos são elaborados pelos Conselhos que representam e fiscalizam o exercício da profissão.

Em relação à Associação Nacional de Filósofos Clínicos, vale lembrar que ela surge em 2008 após um longo debate entre os colegas interessados em ter uma entidade que respaldasse a nossa profissão. Que os representasse e amparasse judicialmente e fosse também um farol em relação a este ofício. No entanto, nos últimos anos, em virtude de uma direção equivocada, a entidade foi levada a querer também cuidar da formação do



profissional. Ao nosso ver, um erro. Juridicamente não é possível esses dois perfis em uma entidade. A profissão e a formação. Seria um monopólio ideológico. Fica o alerta.

4. Considerações finais

Em nosso recente trabalho, *Filosofia Clínica e Cinema – uma compreensão teórica e prática através de filmes*, publicado em parceria com a colega Olga Hack, abordamos no primeiro capítulo a questão da Ética. Tomando por referência o filme *Patch Adams* (1998) e o trabalho desenvolvido pelo médico Hunter Doherty “Patch” Adams junto às pessoas que lhe procuram e a perspectiva humanista que ele prega. Uma filosofia da vida.

Desta forma a ética que nos sustenta como filósofo clínico está na filosofia da vida. Este fator que propomos para começar nossas reflexões está delineado na base de cada indivíduo que se dispõe a lidar em seu cotidiano com o outro. A ética como um princípio básico aos procedimentos terapêuticos, pelo que vemos, não só nos preocupa, como a muitos outros colegas que partilham conosco nossa atividade, por constituir o alicerce do caminhar terapêutico. As trocas partilhadas e interativas se dão na interseção pela responsabilidade com este indivíduo que nos chega.

Ética no procedimento do atendimento, no recolher dos dados, nos finos tratos, em não machucar o outro e a si mesmo, em não expor dados recebidos na clínica, não confrontar e nem mesmo afrontar os dados já existentes na forma de agendamentos, pedindo licença ao entrar no processo de re-elaboração da malha intelectual daquele que conosco partilha seu mundo.

Partilhar nas relações, isto gera uma conjunção na ordem. Mas ainda assim, ficavam sempre algumas perguntas: - Se você escuta em todas as aulas sobre a necessidade desse comportamento participativo, Partilhante e Filósofo Clínico, porque haveria necessidade de um conselho de ética, procedimentos éticos, como uma ação corretiva e proibitiva? Assim, vemos no Código de Ética da Filosofia Clínica:

Art. 6º - O sigilo profissional é inerente à profissão, impondo-se o seu respeito, salvo grave ameaça ao direito à vida ou à honra, ou quando o filósofo clínico ou o especialista em Filosofia Clínica se veem afrontados pelo partilhante e, em defesa própria sobre assunto grave, tenham que revelar segredo.

Parágrafo Único - Somente poderá ser revelado fato restrito ao interesse grave em questão.



Art. 7º - O filósofo clínico e o especialista em Filosofia Clínica devem guardar sigilo, mesmo em depoimento judicial, sobre o que saibam em razão de sua profissão, podendo se recusar a depor como testemunha sobre fato relacionado com pessoa a quem tenham atendido, mesmo que autorizados ou solicitados por ela. [1]

Não estaria o ser filósofo dotado e constituído de fundamentação suficiente para saber de seus limites? Ou, o Código de Ética que instrui todas as profissões em seus preceitos básicos seria num pano de fundo um código de moral?

Segundo Álvaro Valls, quanto à *“terminologia falaremos da moral ou da ética, podemos usar aqui as duas palavras mais ou menos como sinônimas, a não ser quando quisermos enfatizar mais o lado da reflexão pessoal consciente, então, se dirá moral, ou o lado dos costumes concretos, das tradições das formas de agir de um povo ou de uma civilização e então falaremos da ética”*. [2] A palavra ética foi gerada de dois vocábulos gregos, (com *eta* inicial, com o e longo) e *ethos* (com épsilon inicial, com o e curto). A primeira acepção de *ethos* designa a morada, a casa, o abrigo ou o recanto do homem. Essa metáfora entende Henrique Lima Vaz, em *“indicar justamente que, a partir do ethos, o espaço do mundo torna-se habitável para o homem”*. [3]

Quando falamos de ética estamos falando do reto agir, a reta ação, a luz da consciência. Krishnamurti, em *A Rede do Pensamento*, vê a consciência como sendo comum a toda a humanidade. Para ele, a consciência humana é um todo, não é a sua ou a minha consciência, ela é vista pela sua complexidade, ou seja, o pensamento e tudo o que o pensamento formou faz parte das nossas vivências grupais, a consciência inclui também nela o mais profundo, os nossos medos, a inveja, a agonia da solidão, da depressão, da confusão e o temível medo da morte. Lembremos que o pensamento é comum a toda humanidade, assim como a manipulação, vê que o nosso pensamento não é o nosso pensamento, ele se repete apenas em pensamento. Já que o homem se mostra desta forma, estaria ele então subjugado às leis, uma vez que não consegue dominar seu próprio pensamento? Assim, para ilustrar e fazermos um ligeiro paralelo ao encontrarmos no primeiro artigo do Código de Ética da Filosofia Clínica:

Art. 1º - O exercício da Filosofia Clínica exige conduta compatível com os preceitos deste Código de Ética, do Estatuto do Filósofo Clínico e do Especialista em Filosofia Clínica, com as Normas expedidas pelo Instituto



Packter e com os demais princípios da ética individual, social e profissional.

[4]

A questão ética tem sido cada vez mais discutida, no âmbito mundial, como uma questão promissora para a conservação da humanidade, ela tem sido cada vez mais polemizada. Em Hans Küng, *Projeto de Ética Mundial*, delineia que para se manter uma nação forte vai depender da capacidade que a sociedade tem de restaurar a sensibilidade para uma ética elevada, para a profissionalidade e para desafios na vida política. Muitos esperam que após a morte lenta da ganância ressurja a integridade. Pessoas líderes em questões éticas concordam hoje com o fato de que precisamos de uma ética preventiva. Até agora, todas as expectativas por demais otimistas de um tempo mais digno e humano foram frustradas. A pessoa humana sempre deve permanecer o objetivo último, deve ser sempre meio e fim em todos os processos de desenvolvimento, a direção está interligada em sempre abrir as portas por propostas onde o objetivo e os critérios últimos sejam o homem. “O filósofo clínico deve guardar absoluto respeito pela vida humana, atuando sempre em benefício do partilhante. Jamais usar seus conhecimentos para gerar sofrimento físico ou moral.” [5] Diante de tudo o que até aqui foi visto, ficamos mais uma vez na indagação do porquê, a pessoa humana entendida como indivíduo, grupo, nação, religião, deve comportar-se humanamente, de forma verdadeiramente humana? A ética de mentalidade e a ética de responsabilidade e comportamento não estão verdadeiramente contrapostas, mas complementam-se mutuamente. Somente unidas, elas poderão constituir a verdadeira pessoa, aquela pessoa que poderá ter a profissão voltada para o atendimento humano.

NOTAS

[1] PACKTER, Lúcio. 1997:93)

[2] Álvaro L. M. Valls. *Ética na contemporaneidade*. <http://www.ufrgs.br/bioetica/eticacon.htm>. Acesso em 10/09/2011.

[3] VAZ, Henrique. 1988:14

[4] <http://www.anfic.org/codigoetica.htm>. Acesso em 10/09/2011.

[5] idem.

Referências bibliográficas

ANFIC. *Código de ética do filósofo clínico*



- ANFIC. *Estatuto do filósofo clínico*.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Abril Cultural. 1979
- BINGEN, Hildegarda de. *Meditações*. São Paulo: Ed. Gente. 1993
- BOFF, Leonardo. *Ethos Mundial – um consenso mínimo entre os humanos*. Rio de Janeiro: Sextante. 2003
- CARVALHO, José Maurício de. (2010). *Ética*. São João Del Rei: UFSJ.
- CLAUS, Marta e SILVA, Márcio José Andrade. (2006). *Aborto, eutanásia e reprodução assistida sob as perspectivas éticas da Filosofia Clínica, Cristã e Bioética*. Trabalho apresentado no VII Encontro Nacional de Filosofia Clínica realizado em Goiânia/GO.
- GALLO, Zildo. (2007). *Ethos – a grande morada humana*. Itu: Ottoni.
- GRATELOUP, León-Louis. *Dicionário filosófico de citações*. São Paulo: Martins Fontes.
- HACK, Olga e SILVA, Márcio José Andrade da. (2014) *Filosofia Clínica e Cinema – uma compreensão teórica e prática através de filmes*. Campinas: Lince.
- JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo. (2006). *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão prática*. Rio de Janeiro: Ediouro. s/d.
- KRISHNAMURTI, J. *Liberte-se do passado*. São Paulo: Cultrix. 1976
- LEVINAS, Emmanuel. *Ética e infinito*. Lisboa: Edições 70. 1988
- LOPES, Maria dos Milagres da Cruz. (2012) *Nova semântica da ética em Emmanuel Levinas: rosto e responsabilidade*. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE
- RORTY, Richard. (2010) *Uma ética laica*. São Paulo: Martins Fontes.
- VALLS, Alvaro L. M. (2004). *Da ética à bioética*. Petrópolis: Vozes.